

## CLAUDIO MANOEL DA COSTA

(N. em 1729—M. em 1789)

Claudio Manoel da Costa nasceu na episcopal cidade de Marianna, que então se chamava Villa do Ribeirão do Carmo, no dia 6 de junho do anno de 1729.

Cedo manifestou notavel intelligencia.

Matriculado nas aulas, que, nesse tempo, a companhia de Jesus dirigia na cidade do Rio de Janeiro, de pressa fez admiraveis progressos, alcançando, com grandes applausos de seus mestres, o diploma de *mestre em artes*, que se era dado aos melhores discipulos dos Jesuitas, e que hoje corresponde ao *bacharelado em lettras*.

Ahi o tracto dos livros lhe fizera desenvolver o sentimento poetico que tinha latente.

Estudou bem *Virgilio* e leu muito as obras pastoris, principalmente de *Guarini* e *Rodrigues Lobo*.

Contava apenas 17 annos quando foi á Coimbra para formar-se em Direito.

Academico ainda, em 1751, com 22 annos tirou a publico as suas poesias intituladas — *Labyrintho de Amor* — *Numeros harmoniosos* e o *Munusculo Metrico*, romance heroico dedicado ao reitor da Universidade D. Francisco d'Annunciação.

Vantajosamente foram essas composições apreciadas por seus mestres e por seus condiscipulos e pelos doutos—mostrando assim, que sabia amenisar a evidez da sciencia juridica com o ameno tracto das Muzas.

E possuia-se tão bem da linguagem portugueza, que, ainda hoje á Academia de Lisboa o recommenda como classico.

De posse do pergaminho tomou Claudio á desejada terra aonde nascera, abraçando a asperrima profissão de advogado, que foi lhe um verdadeiro culto, e conquistou-lhe alto renome.

Mas as *Pandectas* não lhe fizeram esquecer as *novas companheiras*.

E quem, si uma vez beijou lhe a fronte o archanjo da poesia, pode mais nunca esquecer-o.

Reunindo as poesias que em seus lares compuzera, enviou-as a Coimbra, onde foram publicadas por Luiz Locco Ferreira em 1768, sabendo a publico com o nome pastoril de *Glanceste Saturnino*, que adoptara na *Arcadia Ultramarina*, que José Basilio da Gama e Silva Alvarenga haviam fundado no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos.

Ao conde de Valladares, então capitão general de Minas, e que o distinguia com sua estima, tendo-o juncto a si como seu secretario, dedicou o nosso illustre poeta o seu livro.

Nessa obra nota-se muito excellente verso italiano, o que convence ter sido a lingua do Petreucha familiarissima a Claudio Manoel.

*Faz Pasmal!* exclama o Sr. de Varnhagem, quando no seu *Florilegio*, e tracta do nosso poeta — (Tom., I, pag. 243).

(*Commetteu dest'Arte um crime de lesa — patriotismo* — diz o credito Sr. Conego Fernandes Pinheiro, na sua *biographia* publicada na *Revista Popular* — n. de 15 de Dezembro de 1861.

Muitas de suas composições poeticas e outros trabalhos litterarios perderam-se, figurando, entre elles os seus *commentarios* ao *Tractado da Origem das riquezas* de Adam Smith, segundo o illustrado Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva.

Perderam-se ou, conforme o Sr. Conego F. Pinheiro, não tiveram as honras da impressão, pelo excessivo preço em que então importavam, ou, pelos embarços da censura.

N'aquelle mesmo anno de 1768 compoz a *Saudação à Arcadia*.

O opparecimento do *Uruguay*, do preclaro comprovinciano José Basilio da Gama lançou-o nos braços da musa epica, que o não estreitou mui amorosamente segundo os entendidos no assumpto.

O poema historico *Villa Rica* — offerecido em 1773 ao irmão do heroe do Uruguay, diz o Sr. Varnhagem, que deve ser mais consultado como memoria historica, do que como um grande momento politico.

Impropriamente se lhe poderá denominar de — epico, não so pela pequenez do assumpto, como pela estreiteza do plano, diz o Sr. Conego F. Pinheiro.

Possuimos um exemplar, da *Villa Rica* editada em Ouro-Preto no anno de 1839 pelo actual Sr. Senador José Pedro Dias de Carvalho, então proprietario e um dos redactores do *Universal*, orgão que foi do partido liberal Mineiro.

E, em S. Paulo, vimos todo o poema de Claudio, em excellente letra, copiado; sendo o curiosissimo manuscripto propriedade do filho do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, que tão bello nome soube conquistar no mundo litterario.

Esta declaração, perdoe-nos o leitor, tem uma razão de ser particularissima.

Deixe-a, sem por ella tomar-nos conta.

(Vide nota final \*\*).

Ao tempo da publicação do famoso poema de José Basilio, a provincia de Minas estava convertida em uma verdadeira Arcadia de poetas.

La estavam os *Alvarengas*, o professor Ribeiro (\*), e o celebre Gonzaga, que, mais moço que Claudio, o soube ganhar para companheiro inseparavel e bom amigo.

Involuntariamente concorren Claudio Manoel para a nacionalisação da poesia brasileira.

Ouçamol-o na introdução ás suas obras:

«Aqui entre a grosseria dos seus genios, que menos pudera eu fazer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia: que menos do que abandonar fingidas nymphas destes rios; e, no centro delles, adurar a preciosidade daquelles metaes, que tem attrahido a este clima os corações de toda a Europa!

Não são estas as venturosas, praias da Arcadia onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos.

Turva e feia a corrente destes ribeiros, primeiro que arrebatte as idéas de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de mine-rar a terra, que lhes tem pervertido as cores.

«A desconsolação de não poder estabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mandego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço; mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão.

Esta me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a fábula do Ribelrão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome à Cidade Marianna, minha patria, quando era villa.»

Essa fábula é; um espelho do espirito do poeta—(*Varnhagem — Florileg cit.*)

É, uma bella allegoria, inspirada pelo mais santo patriotismo, resplendente de cor local, e que, quanto a nós, marca o 2.º periodo embryonario da nossa litteratura.

(Conego Dr. F. Pinheiro—obr. cit.)

Claudio Manoel da Costa conseguiu o soneto portuguez, de modo senão a exceder, ao menos rivalisar com os de F. Petrarcho; sendo menos harmonioso na phase do que Bocage, porém muito mais completo na poesia e no sentimento (*Dr. J. M. Pereira da Silva*).

(\*) Manoel Joaquim Ribeiro — Professor de Phylosophia em Minas, Era portuguez.

Vide a *Bibliographia* pelo illustre Sr. J. Norberto de S. e S., na *Revista Popular* n. 42 de 15 de Setembro de 1860.

## Varões Ilustros.

J. Norberto da S. e S. — Originalidade da Litteratura Brazileira).

As obras do Claudio devem estudar ao cotoo modelo do lingua-  
gem, reputadas classicas pela Academia Real de Sciencias de  
Lisboa.

## Fabula do Ribeirão

Lêa a posteridade, ó patrio rio,  
Em meus versos teu nome celebrado ;  
Porque vejas uma hora desputado  
O somno vil do esquecimento frio :

Não ves nas tuas margens o :ombrio,  
Fresco assento de um alamo copado :  
Não ves nympha cantar, pastar o gado  
Na tarde calma do calmeso estio.

Turvo banhando as pallidas arêas  
Nas porções do riquissimo thezouro  
O vasto campo da ambição recreas.

Que de seus raios o planeta loiro,  
Enriquecendo o influxo em tuas veas  
Quanto em chaudenas secunda, brota em oiro.

Aonde levantado  
Gigante a quem tocara  
Por decreto fatal de Jove irado,  
A parte extrema e rara  
Desta inculta região, vive Itamonte  
Parto da terra, transformado em monte.

De uma penha que esposa  
Foi do invicto gigante,  
Apagando Lucina a luminosa  
Alampada brilhante,  
Nasci : tendo em meu mal, logo tão dura,  
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade  
Pela candida estrada  
Os pés movendo com gentil vaidade ;  
E a pompa imaginada  
De toda a minha gloria n'um só dia  
Trocou do meu destino a aleivosia.

Pela floresta e prado  
Bem polido mancebo,  
Girava em meu poder tão confiado,  
Que ate' do mesmo Thebo  
Imaginava o trono peregrino  
Ajoelhado aos pés do meu destino.

Não ficou tronco ou penha  
Que não desse tributo  
A' meu braço feliz, que já desdenha  
Despotico absoluto,  
As terras flores, as mimosas plantas,  
Em rendimentos mil em glorias tantas.

Mas ah ! que amor tyrramno  
No tempo em que a alegria  
Se aproveitava mais do meu engano.  
Por aleivosa via  
Introduziu cruel a desventura,  
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Visinho ao berço caro  
Aonde a patria tive,  
Vivia *Eulina*, este prodigio raro  
Que não sei se ainda vive  
Para brazão eterno da belleza,  
Para injuria fatal da natureza.  
Trez lustros, todos d'oiro,  
A gentil formosura,  
Vinha tocando apenas, quando o loiro,  
Brilhante Deus procura  
Acreditar 'do pae o culto attento,  
Na grata acceitação do rendimento.

Mais formosa de *Eulina*  
Respirava a belleza ;  
De oiro a madeixa rica e peregrina  
Dos corações faz preza ;  
A candida porção da neve bella  
Entre as rosadas faces se congela.

Mas vida que a ventura  
Lhe foi tão generosa,  
Permite o meu destino que uma dena,  
Condição rigorosa  
Ou mais augmente emfim, ou mais ateie  
Tanto esplendor — para que mais me enleie.  
Não sabe o culto ardente  
De tantos sacrificios  
Abrandar o seu nome : a dor vehemente,  
Tecendo precipicios  
Já quasi me chegava a extremo tanto,  
Que o menpr mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho  
De render-lhe a fereza.  
Busquei na minha industria o meu despenho :  
Com ingrata dextreza  
Fiel de um roubo (oh misero delicto!)  
A ventura de um bem, que era infinito.  
Sabia eu como tinha  
*Eulina* por costume,  
(Quando o maior planeta quasi vinha  
Ja desmalando o lume,  
Para doisar de luz outro horizonte)  
Banhar-se nas correntes de uma fonte.

A fugir destinado  
Com o furto precioso,  
Desde a patria onde tive o berço amado,  
Recolhi numeroso  
Thezouro, que roubara diligente  
A meu pae que de nada era sciente.  
Assim, pois, prevenido  
De um bosque a fonte perto  
Esperava o portento apetecido  
Da nympha : o descoberto  
Me foi apenas, quando (oh dura empreza!)  
Chego ; abraço a mais rara gentileza !

Quiz gritar ; opprimida  
A voz entre a garganta  
Apollo ! diz, Apoll... a voz partida  
Lhe nega força tanta :  
Mas ah ! Eu não sei como, de repente  
Densa nuvem me põe do bem ausente.  
Inutilmente ao vento  
Vou estendendo os braços :  
Buscar nas sombras o meus bem intento :  
Onde a meu ternos laços...  
Onde te escondes, digo, amada *Eulina* ?  
Quem tanto estrago contra mim fulmina ?

Mas la por diante  
Quando entro a nuvem densa  
Apparecendo o corpo mais brilhante,  
Eu vejo (oh dor immensa!)  
Passar a bella nympha, já roubada  
Do Numen a quem fora consagrada.

Em seus braços a tinha  
O loiro Apollo preza  
E já do ludibrio da fadiga minha,  
Por amorosa empreza ;  
Era despojo da deldade ingrata  
O bem, que de meus olhos arrebatá.

Então já da paciencia  
As redeas desatadas  
Foco de meus delirios, a inclemencia :  
E de todo apagadas  
Do acerto as luzes, busco a morte impia,  
De um agudo punhal na ponta fria.

As ontranhas rasgando,  
E sobre mim cahindo,  
Na funesta lembrança soluçando,  
De todo confundindo  
Vou a verde campina, e quasi exangue,  
Entre a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito  
O Numen soberano,  
Quer vingar ultrajado o seu respeito;  
Permittindo em meu damno,  
Que em pequena corrente convertido  
Corra por estes campos estendido,

E para que a lembrança  
De minha desventura  
Triumphe sobre a tragica mudança  
Dos annos sempre pura,  
Do sangue que exalei, oh bella *Eulina*,  
A cor inda conservo peregrina.

Porém o odio triste  
De Appollo mais se accende;  
E sobre o mesmo estrago, que me assiste,  
Maior ruina emprende:  
Que chegando a ser implia uma deldade,  
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,  
Dos thesouros preciosos  
Chegou noticias que eu roubado tinha,  
Aos homens ambiciosos;  
E crendo em mim riquezas tão extranhas;  
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro  
Na abrazadora chamma  
Sobre os meus hombros bate tão seguro,  
Que nem a dor que c'ama,  
Nem o esteril desvelo da porfia  
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah mortaes ! Ate' quanto  
Vos cega o pensamento !  
Que machinas estaes edificando  
Sobre tão louco intuito,  
Como nem ainda no seu reino immundo  
Vive seguro o Bárathro profundo:

Idolatrando a ruína  
 La penetraes o contro,  
 Que Apollo não banhó, nem viu Lucina;  
 E das entranhas dentro  
 Da profunda terra,  
 Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplo vos não dita  
 De ambicioso empenho  
 De Polidoro a misera desdita!  
 Que perigos o tenho,  
 Que entregastes primeiro ao mar salgado,  
 Que desenganos nos não tens custado!

Emfim som esperança,  
 Que allivios me permita,  
 Aqui chorando estou minha mudança;  
 E a enganadora dita,  
 Para que eu viva sempre descontente,  
 Na muda phantazia está presente.

Um murmurar sonoro  
 Apenas se me escuta;  
 Que até das mesmas lagrimas, que choro,  
 A deidade absoluta  
 Não consente ao clamor, se force tanto,  
 Que mova a compaixão meu terno pranto.  
 Daqui vou descobrindo  
 A fabrica eminente  
 De uma grande cidade; aqui polindo  
 A desgrenhada frente;  
 Maior espaço occupo dilatado,  
 Por dor mais desafogo a meu cuidado.

Não se escuta a harmonia  
 Da tempestade avessa—  
 Nas margens minhas; que a fatal porfia  
 Da humana sede ordena,  
 Se attenda apenas o ruido horrendo  
 Do tosco ferro, que me vae rompendo  
 Pore'm se Appollo ingrato  
 Foi causa deste enleio,  
 Que muito que da Musa o bello tracto  
 Se ausente do meu seio,  
 Si o Deus, que o temperado coro tece,  
 Me foge, me castiga e me aborrece!

Emfim, sou qual te digo  
 O Ribeirão presado,  
 De meus engenhos a fortuna sigo:  
 Commigo sepultado  
 Eu choro o meu despenho: elles sem cura  
 Choram tambem a sua desventura.

### Saudação a José Basilio e outros novos arcades

Emfim eu vos saúdo  
 Oh campos delectosos,  
 Vós, que á nascente Arcadia engrato estudo  
 Brotando estaes os louros mais frondosos;  
 Eu vos vou descobrindo,  
 Bellas estancias do pastor *Termino*.

Já sinto que respira  
 Uma aura em voz suave;  
 Orpheu pulsa de novo a doce lyra,  
 Ouve thebas de novo o plectro grave;  
 Seu arrendeiro e' mais terno  
 Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos  
 São estes, que nos pizam!  
 Como entre tristes e grosseiros povos  
 De nova gala os campos se matizam!  
 Quem forma estas cadencias?  
 Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem.  
 Os metirosos nomes  
 Gravados nestes troncos já se sentem,  
 Tu, tempo gustador, os não consumes.  
*Briarem* aqui diz este,  
*Nin feu* diz outro, aqui diz outro *Sureste*.

Na mais copada faia  
 Abriu o ferreo gume  
 O nome de *Termino*; o sol que raia,  
 Aqui bate primeiro o claro lume.  
 Elle o vê, elle o inveja.  
 Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! Si da gloria nossa,  
 Pastores, ca me vira  
 Tão digno, que na bella Arcadia vossa  
 Eguamente meu nome se insculpira!  
 Entre a serie preclara  
 De *Glauceste* a memoria se guardara,

Mas onde iri sem pejo  
 Collocar-se atrevido  
 Quem longe habita do sereno Tejo,  
 Quem vim do Mondego dividido,  
 E as auras são serenas  
 Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo  
Pastores, pode tanto  
Que despertando do silencio antigo  
Erguer bom posso sem vergonha o canto:  
Com nosco está *Glauceste*,  
Com nosco faz soar a flauta agreste.

Si não cantar os feitos  
Do bom pastor d'Anfriso,  
Si do Jove e de Marie entre os eleitos  
Não espalhar contando um doce riso:  
Saberei nesta praia  
A Títiro imitar juncto da sala.

Em vós, ó campos, cresça  
A vegetante pompa,  
Cresça o verde esplendor, em nós floresça  
A murta, o louro, e na doirada trompa  
De monstro errante  
O nome de *Termino* se levante.

#### Sonetos

Este é o rio, a montanha é esta,  
Estes os troncos, estes os rochedos;  
São estes inda os mesmos arvoredos  
Esta é a mesma rustica floresta

Tudo cheio d'horror me manifesta,  
Rio, montanha, troncos e penedos;  
Que amor nos suavissimos enredos  
Foi scena alegre, o urna é ja funesta.

Oh! quão lembrado estou d'haver subido  
Aquelle monte, e ás vezes que baixando  
Deixei do pranto, o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando  
Que da mesma saudade o infame ruído  
Vem as mortas especies despertando.

Campos, que ao respirar meu triste peito,  
Murcha e secca tornaes vossa verdura,  
Não nos assusto a pallida figura  
Com que o meu rosto vedes tão desfeito.

Vos me vistes um dia: o doce effeito  
Cantar do Deus de amor e da ventura;  
Isso ja se acabou, nada dura;  
Que tudo á vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda emfim: nada ha que seja  
De tão nobre, tão firme segurança,  
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja

Esta ordem natural a tudo alcança;  
E si alguem um prodigio vêr deseja,  
Veja meu mal, que só não tem mudança.

Muitas outras composições do preclaro poeta mineira andam transcriptas em livros justamente apreciados, como o *Florilegio da Poesia Brasileira*, pelo erudito e infatigavel sr. *Varnhagem*, (hoje barão de Porto Seguro), o Curso de Litteratura Nacional, do não menos illustrado sr. dr. Conego J. C. Fernandes Pinheiro.

E a sua biographia—escreveram-na magistralmente estes dois illustres brasileiros, e em seus *Varões Illustres*, o conspicuo litterato e historiador sr. dr. J. M. Pereira da Silva. (\*)

A esses preciosos trabalhos litterarios remettemos o leitor, que desejar conhecer mais do que o poeta—o *inconfidente*, um dos primeiros martyres da liberdade brasileira.

Em o nosso estudo *Os Precursores*, que brevemente será tirado á publico, demos ao nosso preclaro comprouinciano o lugar que lhe cabe: ahí colligimos tudo quanto a seu respeito anda esparso em os nossos e estrangeiros livros.

(\*) Publ. tambem na *Rev. Trimensal*—Tomo 12 (anno 1849), pag. 529 a 549.

(\*\*) Nota final. O original do poema *Villa Rica*.—foi offerecido ao Inst. Hist. e Geog. Brasileiro em 15 de dezembro de 1849, pelo nosso poeta—pintor, o sr. Porto Alegre.

Em 23 de Nov. de 1855 um Manuscripto do poema foi tambem offerecido pelo sr. Carlos Augusto Sá.